

Guerra Contínua pela supremacia mundial na era da Quarta Revolução Industrial

por *Ronaldo G. Carmona*, Ph.D. ¹

Às vésperas de entrarmos na terceira década do século XXI, um balanço do estado do mundo demonstra uma realidade caracterizada por duas vertentes principais. A primeira é de uma *luta aberta das grandes potências* em torno de quem hegemonizará o sistema internacional nas próximas décadas, na busca por um desfecho para a transição no quadro de forças global em curso – no que poderá resultar em distintos tipos de hegemonia². Contudo, registre-se que esta contenda por hegemonia, em geral não é admitida – em maior ou menor grau – por estas mesmas potências³.

Uma segunda vertente, plenamente associada à primeira, é a deflagração de uma *nova revolução industrial*, caracterizada pela digitalização crescente da economia mundial, com profundas e crescentes repercussões nas mais variadas esferas da atividade econômica e social.

Este texto busca discutir, como parte de projeto de pesquisa em andamento, as tendências do reordenamento do poder mundial e das transformações na base tecnológica associada à evolução do fenômeno da guerra. Na primeira parte busca identificar, a partir de uma compreensão da história contemporânea e na análise das grandes tendências, as características mais importantes da luta pela supremacia mundial por parte das grandes potências. A segunda parte tece observações sobre as características da Quarta Revolução Industrial no que concerne à evolução do quadro geopolítico mundial. A terceira parte versa sobre alguns impactos destas transformações na guerra. Por fim, apresentaremos algumas conclusões.

¹ Professor de Geopolítica da Escola Superior de Guerra (ESG). É Doutor pela Universidade de São Paulo (USP). Coordena o Grupo de Pesquisa “Estudos de Guerra” e o Grupo de Pesquisa “Geopolítica do Brasil”, ambos no âmbito da ESG. Foi chefe da Assessoria Especial de Planejamento do Ministério da Defesa.

² Que vai da busca da reafirmação da hegemonia vigente desde o fim da Guerra Fria – caso dos Estados Unidos, atualmente em luta por este objetivo “relacionista” de sua posição – até o estabelecimento de distintos tipos de novo *hegemon* (compartilhado, unipolar, multipolar, “benigno”, imperialista, etc.).

³ Os Estados Unidos proclamam objetivos nacionais, internos – essencialmente – com a política do “America First”, e muito se comenta sobre um relativo retraimento nos “valores” de “nação escolhida” que sempre caracterizou sua política exterior. Já a China, a despeito da maior assertividade no sistema internacional, proclama uma espécie de “missão benigna” a respeito desta sua assertividade. Ver, por exemplo, artigo do teórico realista chinês, Professor Yan Xuetong, “The Age of Uneasy Peace: Chinese Power in a Divided World”, na edição de jan/fev 2019 da *Foreign Affairs*.

CARACTERÍSTICAS DO CONFRONTO DE POTÊNCIAS PELA HEGEMONIA MUNDIAL

Um episódio historicamente recente precisa estar na raiz da análise sobre a atual conjuntura geopolítica mundial. Trata-se do desfecho da Guerra Fria no final do século XX, com o desmantelamento da União Soviética num contexto em que não houve a “batalha final”, revelando assim a possibilidade de vitória estratégica sem o engajamento bélico direto, com os Estados Unidos “prevalecendo historicamente”, como argumentara Zbigniew Brzezinski em seu *Game Plan*⁴, ao defender uma estratégia de longo prazo para o conflito. O estudo desta sistemática apresenta importantes lições para o atual quadro de confronto pelo poder mundial.

O desfecho da Guerra Fria foi produto de cálculo estratégico paciente, derivado das teorias geopolíticas clássicas e confirmaram a validade de seus postulados. A primeira manobra estratégica norte-americana na era contemporânea, cujas consequências sentem-se plenamente nos dias de hoje, foi a operação que buscou apartar os dois gigantes eurasiáticos – URSS e China –, no início dos anos 1970, através do chamado “triângulo kissingeriano” – estratégia formulada pelo então conselheiro de segurança nacional, Henry Kissinger –, a partir do qual os Estados Unidos apresentaram uma proposição de “desenvolvimento a convite” à China. Esta foi finalmente aceita, igualmente por cálculo estratégico da nova liderança chinesa à época, com a adoção da política de “reforma e abertura” em 1978, sob direção de Deng Xiaoping. Entre a visita de Richard Nixon, em 1972, e a reunião do Partido Comunista da China em 1978, operou-se a manobra que está na raiz do desfecho da Guerra Fria e da contenda geopolítica contemporânea.

Na sequência, no início dos anos 1980, já na presidência de Ronald Reagan, os Estados Unidos aprofundaram o desafio para duelo à União Soviética, recrudescendo a corrida tecnológico-militar – iniciada já antes, no programa espacial e no programa nuclear –, e cujo desfecho, levou enfim ao estrangulamento inovativo da URSS e, no final da década, ao colapso político e encerramento da Guerra Fria, com a vitória de um dos lados da contenda⁵.

O fim da Guerra Fria iniciou um período de euforia liberal. Tão intenso quanto efêmero, historicamente. Compreendeu-se então, que a velha disjuntiva do Iluminismo quanto à análise das relações internacionais, que opunha Kant a Hegel, com o primeiro defendendo uma paz perpétua de um governo mundial, e o segundo, a centralidade da “vontade de poder” dos Estados nacionais, finalmente estava decidida a favor do primeiro. Surgiria então um mundo hegemônico por uma orientação liberal, quer na predominância de instituições de governança a arbitrarem as contradições entre as nações, quer na economia, com a proposta de abolição de fronteiras e barreiras à livre circulação de bens e capitais em escala mundial. Era a vitória da globalização, iniciada (em sua fase contemporânea) nos anos 1970 com o processo de deslocamento produtivo à Ásia. Contudo, a invasão do Kuwait por Saddam Hussein, já em agosto de 1990, e logo depois, a desintegração conflituosa da Iugoslávia em 1991 – com a eclosão da guerra da Bósnia em 1992 –, lá estavam para contraditar o sonho liberal de um mundo róseo liderado pelas instituições mundiais e pelo mercado.

⁴ Ver “EUA x URSS, o grande desafio” (Edição brasileira de 1987, Editora Nórdica).

⁵ Ver, dentre outros, FERNANDES, Luís. A Revolução Bipolar - A gênese e derrocada do socialismo soviético (Editora Anita Garibaldi, 2017).

A ascensão chinesa ao longo das quatro décadas iniciada em 1978 foi notável, apenas comparável à igualmente épica ascensão brasileira durante aproximadamente cinco décadas no século XX⁶. Em 1978, o PIB per capita da China era de US\$ 156. Em 2017, atingira US\$ 8.826, ou 57 vezes maior⁷. O exponencial crescimento da base material chinesa – apoiando-se num movimento sistêmico levado a cabo pelas economias desenvolvidas do Ocidente, mas essencialmente fundado em bases endógenas, pela estruturação de um sistema de planejamento conhecido como “socialismo de mercado” –, permitiu um extraordinário incremento das dimensões de seu poder nacional e a alçou à condição de uma das duas grandes economias mundiais.

A “fatura” geopolítica deste movimento estratégico americano se apresenta hoje em sua plenitude. Afinal, no estudo da história e de “leis gerais” de ascensão e queda das grandes potências no sistema internacional, percebe-se que a ascensão material, em geral, redundando em ascensão política, tecnológica e militar do novo ator. Assim, resulta no que se conhece como “armadilha de Tucídides”, em alusão ao episódio de confronto entre Esparta e Atenas na Guerra do Peloponeso, de 431 a 404 a.C: a ascensão de uma nova potência, e, portanto, o desequilíbrio na balança de poder em relação à potência anteriormente estabelecida, levaria à inexorabilidade da guerra. Esta “determinação” histórica ocorrerá novamente no atual confronto entre Estados Unidos e China?

Os Estados Unidos, por sua vez, pelo menos desde o início desta década, discutem em documentos estratégicos públicos seu “declínio relativo”, assim como o tema comparece em numerosos trabalhos acadêmicos de referência, de autores de filiações a linhas de pensamento variadas.

É nesse contexto que se apresenta com força, com fortes consequências políticas, fenômeno que vem sendo chamado de “crise da globalização” ou “desglobalização”. A materialidade desta crise se expressa no fenômeno da desindustrialização, corrente nas economias desenvolvidas, e fruto, em grande parte, como já dito, da estratégia de deslocamento de plantas produtivas para o leste da Ásia iniciado nos anos 1970. Também o fenômeno manifesta-se, no plano econômico e financeiro; este se verifica, por um lado, em certa estagnação na corrente de comércio global e na crise nas instituições multilaterais, como, por exemplo, a hoje paralisada Organização Mundial do Comércio (OMC); por outro lado, nos impasses verificados na *financeirização* da economia, uma questão não equacionada desde a crise mundial de 2007/2008. À crise da orientação liberal nas economias desenvolvidas, soma-se, no plano psicossocial, o esgarçamento de valores e a imposição do “politicamente correto” que, junto com a ameaça (assim percebida) da imigração – pronta a “roubar” os disputados empregos industriais que restam –, geram em seu conjunto efeitos políticos consideráveis. Em seu conjunto, recrudescer o fenômeno, já visto noutro contexto nas primeiras décadas do século passado, de um “novo nacionalismo” como questão dominante do sistema internacional⁸.

⁶ O Brasil, ao longo do ciclo longo desenvolvimentista, entre 1930 e meados dos anos 1980, apresentou transformação extraordinária, comparável, segundo a literatura que estuda a história do desenvolvimento econômico, à presente experiência chinesa.

⁷ Ver em <http://portuguese.cri.cn/news/china/407/20181218/224642.html> (acessado em 23/02/2019).

⁸ Como argumenta, em dossiê de capa, a edição de fev-mar 2019 da revista do establishment, *Foreign Affairs*.

Junto com a crise na dimensão econômica da globalização, a própria ordem liberal internacional baseada em regras multilaterais está em xeque. A dimensão política do sistema liberal internacional, estruturado ao final da segunda guerra mundial e novamente vitorioso ao final da Guerra Fria também entra em crise, como é o caso de sua principal expressão, a Organização das Nações Unidas (ONU). Assim, uma sequência de fenômenos políticos nos países desenvolvidos – *Brexit* inglês, vitória de Trump, “coletes amarelos” franceses, o novo governo italiano, eleições do parlamento europeu em 2019 etc. – e nos BRICS – política “assertiva” de Xi Jinping, fortalecimento de Putin, eleição de Bolsonaro – fazem ascender traços de uma ordem *iliberal*, marcada pela política de potência das grandes nações e, portanto, pelo *retorno da geopolítica*⁹.

Nesse quadro, inaugura-se uma situação internacional marcada pela disputa aberta quanto a quem hegemonizará o sistema internacional no próximo período. O resultado da Guerra Fria – a chamada *pax americana* –, já é coisa do passado, ainda que de um passado muito recente. Esta disputa aberta toma a forma de guerra, ainda que não de uma guerra convencional ou nuclear – uma terceira guerra mundial – mas de uma guerra *multidimensional e contínua*, cujo desfecho se revelará provavelmente tão eficaz quanto às anteriores duas grandes guerras mundiais no que diz respeito ao estabelecimento de um novo *hegemon* sistêmico. Por isso, nesse formato, tende a ser uma *guerra contínua*, de longa duração, na qual se utilizarão múltiplos meios e caminhos táticos pelas potências em confronto.

A GEOPOLÍTICA NA QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Ao anunciar, em 22 de março de 2018, a intenção de impor tarifas de US\$ 50 bilhões a produtos chineses, sob alegação de concorrência desleal e roubo de propriedade intelectual, Donald Trump deflagrou o que desde então vem sendo chamado de *guerra comercial*. Contudo, trata-se muito mais do que isso.

Como dissemos acima, a geopolítica norte-americana na Guerra Fria foi exitosa em seu núcleo: a destruição do oponente, a União Soviética¹⁰. Entretanto, seu *efeito colateral* evidente foi o desenvolvimento de um novo oponente: a República Popular da China. Talvez já se possa afirmar, inclusive, que este oponente chinês já aparece com força relativa superior à da URSS, se não, por ora, em termos militar, certamente em capacidade econômica e potencialmente, tecnológico e inovativo.

⁹ Rigorosamente, a geopolítica nunca perdeu centralidade no sistema mundial, mesmo no auge da ordem liberal baseada em regras. Contudo, quiçá a percepção realista dos fenômenos esteja mais nítida na presente situação internacional.

¹⁰ Contudo, após três décadas, o extraordinário reerguimento do poder nacional da Rússia, sobretudo em sua dimensão militar, sob a liderança de Vladimir Putin, mostra esforço notável de grande repercussão sobre o cenário geopolítico global.

Por isso, como ensina uma “lei geral” do sistema internacional, observada por Fiori,

O aparecimento de uma potência emergente é sempre um fator de desestabilização e mudança do sistema mundial, porque sua ascensão ameaça o monopólio das potências estabelecidas. Na verdade, porém, os grandes desestabilizadores do sistema são os próprios estados líderes ou hegemônicos, pois eles não podem parar de se expandir para manterem sua hegemonia – e para se manterem à frente dos demais, eles precisam desafiar continuamente as regras e instituições que foram estabelecidas por eles mesmos, mas que podem estar bloqueando sua necessidade de inovar e expandir mais do que todos os demais.¹¹

Da necessidade de definir-se como um *contestador sistêmico*, tendo em vista seus objetivos de manutenção de sua própria liderança, deve-se ler o desenho estratégico americano nos presentes dias, sob a presidência de Donald Trump. Assim, esta segunda década do século XXI assiste a reorganização da *grande estratégia* americana tendo em vista reverter sua – amplamente diagnosticada, em caso de inação –, tendência ao declínio¹². Na história das potências, em geral, não se registra casos de “perecer sem lutar” – um das poucas exceções, exemplificada acima, foi o processo “em fogo brando” que colapsou a URSS. Para os Estados Unidos, a década de 1990 foi a da euforia liberal; a dos anos 2000 foi obstaculizada por um *cisne-negro*, os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001; a segunda década, tem sido marcada por ensaios – na forma de tentativa e erro –, desta redefinição estratégica.

Nesta redefinição da grande estratégia, ainda em 2011, sob a presidência de Obama, sua secretária de Estado, Hillary Clinton, anuncia o “rebalanceamento” de forças dos Estados Unidos para a Ásia, na política que ficou conhecida como do *pivô asiático*. Por certo, ela respondia a uma dupla realidade: a este reconhecimento do declínio relativo do poder americano e a “migração” do epicentro da economia mundial para a região da Ásia-Pacífico.

Donald Trump, ainda no primeiro ano de sua presidência, em 2017, anuncia a nova Estratégia de Segurança Nacional (NSS, na sigla em inglês), que reafirma e aprofunda o foco americano na Ásia. Em termos geopolíticos, busca-se, antes que nada, estruturar política de *contenção* da ascensão chinesa, em grande medida retomando a exitosa política de cerco vigente na Guerra Fria, em relação à URSS, inaugurada por Truman em 1947, formulada por um dos gênios da geopolítica clássica americana, Nicholas Spykman e desenvolvida pelo diplomata-estrategista George Kennan.

O cerco à China, tendo em vista as características territoriais de país anfíbio, materializa-se na dimensão marítima, no conflito do chamado mar do Sul da China, e na sua dimensão terrestre, relacionada a impor freios ao ambicioso projeto chinês da Nova Rota da Seda¹³.

¹¹ J.L.Fiori, *História, estratégia e desenvolvimento*, Boitempo, São Paulo, 2014, p: 30 e 31.

¹² Não se trata de aqui aderirmos às teses “catastrofistas”, que enxergam o esboroamento americano como iminente. Ao contrário, a capacidade de resiliência americana, tendo em vista seus fatores de poder nacional, nos parece bastante evidentes.

¹³ A Nova Rota da Seda é um grandioso projeto de integração física e conectividade da economia mundial, sobretudo na Eurásia, visando escoar excedentes chineses e fomentar comércio. É uma proposta de natureza desenvolvimentista, cuja dimensão supera em muitas vezes o proposto no Plano Marshall, de reconstrução da Europa ao final da Segunda Grande Guerra. Seus críticos, em geral dos países ocidentais desenvolvidos, contudo, alertam para o risco de dependência que os financiamentos, em especial das obras de infraestrutura, poderiam resultar aos países beneficiados em relação à China.

Contudo, mais recentemente, a política de *containment* à China tem sua expressão mais aguda na iniciativa de “guerra comercial”, que na verdade, destina-se a minar as próprias bases do poder nacional chinês.

Afinal, o núcleo da erroneamente chamada “guerra comercial” tem como objetivo desmobilizar a política industrial chinesa, que por sua vez busca desenvolver um conjunto de tecnologias cujo domínio permitirá a liderança dos padrões e estandartes da emergente economia digital que resultará da Quarta Revolução Industrial em curso.

Assim, podemos dizer o aspecto mais nuclear que marca a *retorno da geopolítica*, isto é, de uma época pautada pela política de adensamento do poder nacional por parte das principais nações do mundo, tem como fundamento a ocorrência e a busca pelo domínio das *mutações disruptivas* na base técnica-tecnológica que organizará as forças produtivas no próximo período histórico. Quem dominar esta base técnica-tecnológica resultante de um processo de inovação exponencial, dominará as condições de um *novo ciclo sistêmico de acumulação* que permitirá a projeção de poder em escala mundial. Trata-se do novo silogismo geopolítico de nossa era.

No caso da nova potência do Oriente, esta política industrial e inovativa atende pelo nome de “China 2025”, um ambicioso *programa mobilizador* destinado a carrear energias para o alcance da supremacia tecnológica em áreas-chaves das bases do poder mundial em nossa era, que vai da inteligência artificial à robótica industrial, passando pela computação quântica e pelos novos materiais.

As grandes potências iniciam uma era de competição pelo domínio dessas tecnologias que organizarão o mundo. A política de Trump conhecida como *America First* tem seu fundamento ofensivo na contenção do surgimento da superpotência chinesa que tendencialmente pode suplantar a liderança tecnológica americana, assim como visa estruturar as bases de um projeto de re-industrialização nacional. A citada Estratégia de Segurança Nacional (NSS), de 2017, é explícita quanto ao vínculo entre manutenção da supremacia e domínio dessas tecnologias críticas.

Na ofensiva de contenção do domínio tecnológico por parte da China, observa-se a ação ofensiva norte-americana e de seus aliados mais próximos, conhecidos como *five-eyes* – o núcleo anglo-saxão ocidental – por proibir transações com as empresas chinesas de alta tecnologia, notadamente a Huawei e a ZTE, dominantes na oferta de tecnologia 5G, determinante para ativar sistemas de IoT (sigla em inglês para *Internet das Coisas*), base para os sensores e plataformas da chamada Indústria 4.0. Surgidas como *spin-off* de tecnologia militar – como, aliás, o são todas as empresas tecnológicas fundamentais do planeta –, a Huawei e a ZTE encontram-se no centro das contramedidas americanas ao fortalecimento tecnológico chinês.

A Europa caminha no mesmo sentido, ao entrar na disputa de liderança por tecnologias críticas e sensíveis. É o caso, por exemplo, das soluções alemãs para a Indústria 4.0. A propósito, foi a Alemanha que cunhou este nome-síntese da nova era tecno-científica. Recentemente, em fevereiro último, o governo alemão lançou sua *Nationale Industriestrategie 2030*, no contexto de um apelo do ministro da Economia, Peter Altmaier, pelo fim de “uma Alemanha

que assiste passivamente um acontecimento que já está a todo vapor nos EUA, Japão e China”. Ato contínuo, num chamado a uma política industrial europeia, também em fevereiro, o mesmo Peter Altmaier assina, com seu colega francês, “*A Franco-German Manifesto for a European industrial policy fit for the 21st Century*”. A ação europeia, aliás, tem sua dimensão estratégica na discussão da possível constituição de Forças Armadas europeias, possivelmente apartadas da OTAN.

Na atual Guerra Fria tecnológica, travestida de guerra comercial, o dilema chinês revela uma verdadeira aporia: ceder às demandas americanas significa comprometer a própria marcha de ascensão do poder nacional. Não ceder quanto ao seu aspecto mais essencial – o papel estratégico do Estado chinês – significa ver os Estados Unidos apertarem o torniquete das sanções – ainda que em explícita violação às desmoralizadas “regras multilaterais” –, com efeitos intensivos sobre o crescimento econômico chinês – já no nível mais baixo em décadas – e, portanto, sobre a própria legitimidade do governo chinês. A observar os próximos lances deste jogo de xadrez geopolítico planetário.

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E GUERRA

É nesse sentido que os padrões tecnológicos que adquirirão as forças produtivas e, portanto, que moldarão o padrão de acumulação sistêmico no século XXI é hoje o fundamento nuclear da geopolítica mundial. Como dissemos, os Estados Unidos, na sua Estratégia de Segurança Nacional, não fazem segredo quanto ao fundamento securitário de sua corrida pela liderança tecnológica, admitindo para isso, “o direito de utilizar sua economia e suas sanções econômicas como instrumento de guerra”.

É certo que os impactos das Revoluções Industriais anteriores na forma de fazer a guerra não são exatamente uma novidade. Já a Primeira Revolução Industrial, caracterizada pelo surgimento da máquina a vapor, ampliou a mobilidade dos meios de transportes e, portanto, das possibilidades de deslocamento de tropas e suprimentos, impactando sobre a forma da guerra. A própria introdução do telégrafo, ampliou a possibilidades de comunicação. Novas formas organizacionais introduzidas nas tropas e avanços dos armamentos viriam a transformar as características do conflito bélico em relação à fase pretérita. Se as inovações tecnológicas advindas da Primeira Revolução Industrial causaram tamanho impacto na forma de fazer a guerra, a Quarta Revolução em curso possui, potencialmente, capacidade ainda mais disruptiva.

Não se trata, com isso, de aderirmos a qualquer tipo de determinismo tecnológico em relação à guerra, de uma apologia da dominância da técnica sobre o humano. Ao contrário, a guerra, já sabemos há muito, a partir da contribuição dos clássicos, é um fenômeno histórico essencialmente de natureza social e deste modo, em constante modificação.

¹⁴ “Alemanha adota política industrial protecionista”. Valor Econômico, 06/02/2019.

¹⁵ FIORI, 2018: 399.

Tampouco a emergência de novas tecnologias disruptivas retira a centralidade do território na política de potência das nações. Ao contrário, a luta pela supremacia ou hegemonia no sistema internacional obedece a contingências nacionais de uma dada nação em seu território. Portanto, o prefixo “geo” da geopolítica segue mais válido que nunca, como demonstram as grandes áreas geográficas de tensão mundial contemporânea: mar do Sul da China, Ucrânia, Síria, Venezuela – todas elas relacionadas à busca por supremacia das potências em confronto na atual conjuntura mundial.

Dentre as tecnologias emergentes na atual Quarta Revolução Industrial, talvez a de maior potencial seja a Inteligência Artificial. Aqui também ocorre uma corrida científica e tecnológica aplicada à Segurança Nacional.

Um primeiro alerta apresentou-se na declaração do presidente russo, Vladimir Putin. Em 2017, observou que “A inteligência artificial é o futuro, não só para a Rússia, mas para toda a humanidade. Ela vem com oportunidades colossais, mas também ameaças difíceis de prever. Quem se tornar o líder nessa esfera se tornará o governante do mundo”, disse Putin¹⁶.

Em seguida, ninguém menos que o já nonagenário Henry Kissinger, em artigo na revista *The Atlantic*, observa que “a era da razão (...) está agora em turbulência em meio a uma nova revolução tecnológica ainda mais abrangente, cujas consequências não conseguimos ter plenamente em conta e cuja culminação pode ser um mundo que depende de máquinas alimentadas por dados e algoritmos e não governada por normas éticas ou filosóficas” (tradução livre), pelo que propõe a criação de uma “comissão presidencial” para estudar o assunto¹⁷. O velho geopolítico, novamente foi ouvido e os Estados Unidos anunciaram sumário de uma *Estratégia de Inteligência Artificial*, no âmbito do Departamento de Defesa, no último mês de fevereiro¹⁸.

De forma simplificada, podemos dizer que Inteligência Artificial refere-se a um sistema baseado em tecnologia da informação que busca a capacidade de sentir, entender e atuar sobre a realidade como faria a mente humana. Sua aplicação à Segurança e Defesa tem potencial para abarcar campos que vão do tratamento de dados massivos (*Big Data*) à interoperabilidade de sistemas; de atividade de inteligência ao apoio logístico; do equipamento do combatente ao apoio de fogo, manobra e proteção de força. Envolve também problemas éticos de grande importância, não solucionados, pois o robô, ao passo que poupa riscos de engajamento de soldados em missões de risco, possibilita a tomada de decisões autônomas indesejadas

¹⁶ Ver <https://br.sputniknews.com/russia/201709019252959-putin-inteligencia-artificial-dominara-mundo/> (acessado em 24/02/19)

¹⁷ Ver <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2018/06/henry-kissinger-ai-could-mean-the-end-of-human-history/559124/> (consultado em 24/02/19)

¹⁸ Diz a estratégia que “other nations, particularly China and Russia, are making significant investments in AI for military purposes. These investments threaten to erode our technological and operational advantages and destabilize the international order” (www.dod.gov, acessado em 23/02/2019).

pela máquina, em especial por parte dos sistemas de armas letais autônomos, como por exemplo, drones armados. Algo que a ficção científica já demonstrou – máquinas comunicando-se entre si com autonomia em relação à orientação humana –, alertam alguns, dentre eles Kissinger, pode se tornar realidade num futuro mais que breve.

Uma das tecnologias essenciais à Inteligência Artificial, como vimos, são os dados em massa (*Big Data*). A coleta desses dados a partir da universalização da internet e a centralidade das redes sociais na vida das pessoas geram problemas de natureza securitária inteiramente novos. Afinal, como lembra o artigo de Kissinger, “... os algoritmos de mecanismo de pesquisa adquirem a capacidade de prever as preferências de clientes individuais, permitindo que os algoritmos personalizem os resultados e os disponibilizem para outras partes para fins políticos ou comerciais. A verdade se torna relativa” (tradução livre). Assim, a utilização inteligente da gigantesca massa de dados, grande parte coletadas a partir de indicadores pessoais do comportamento do indivíduo medido pelo uso do *smartphone*, possibilita aos algoritmos reforçarem identidades e preferências e afastarem informações indesejadas. É o que tem ocorrido notadamente no âmbito comercial e, também, embrionariamente no âmbito político – como mostrou o *caso Cambridge Analytica*, empresa que, atuando nas últimas eleições presidenciais americana, combinava mineração de dados com estratégia eleitoral voltada a eleitores individuais de modo a reforçar preferências e reforçar rejeições indicadas no uso de redes sociais.

O mais relevante, sobre o tema aqui em tela – a evolução da guerra *vis-à-vis* inovações tecnológicas disruptivas – refere-se à possibilidade de uso das mídias sociais como arma de guerra no sentido psicossocial, da manipulação da “vontade nacional”.

Nos referimos aqui a um problema fundamental de Segurança Nacional: como a manipulação possibilitada pelo uso estratégico de redes sociais possui capacidade de formar maiorias políticas ou ideológicas no interior de uma nação favoráveis a determinadas causas – por vezes, de interesse de potência estrangeira – ou, no limite, desestabilizar e derrubar governos ou eleger governos favoráveis a essas mesmas potências estrangeiras. Se de fato, em termos temporais relativos, o tema não é totalmente novo – a primeira desestabilização de um governo por meio do uso de mensagens SMS ocorreu há quase duas décadas, no ano 2000, contra Slobodan Milosevic na Sérvia – é verdade que o progresso, universalização e dependência das redes sociais desde então – e em progressão – potencializa crescentemente o uso estratégico destas ferramentas. Até 2025, 60% da população mundial – 1,4 bilhão de pessoas a mais em relação a hoje –, possuirá celulares conectados à internet, e destas, 15% o farão por meio da rede 5G, numa revolução das comunicações com impactos de enormes dimensões sobre o mundo do trabalho, sobre os serviços e sobre a própria forma de vida das pessoas¹⁹.

Num contexto em que a guerra, como disse o marechal francês Ferdinand Foch há longínquos cem anos, quando da Primeira Guerra Mundial “é uma luta de duas vontades, na qual mais que a força física, são as forças morais e psicológicas que prevalecem”²⁰, as novas tecnologias aplicadas à guerra potencializam essa afirmação exponencialmente.

¹⁹ “Dos tercios de la humanidad tienen conexión móvil”. El País, 27/02/19, p.40.

²⁰ Citado por Pereira Cabral in TEIXEIRA DA SILVA & SOUSA LEÃO, 2018:271.

Assim, podemos dizer que o *centro de gravidade* ou *ponto de equilíbrio* da guerra cada vez mais passa a ser, para falarmos em termos clausewitzianos, na busca por quebrar a vontade do oponente de lutar, o que pode ser feito através de sofisticadas operações de guerra psicológica²¹. São ações por meio das quais, noutras palavras, como disse o estrategista chinês Sun Tzu, permitem quebrar a resistência do inimigo sem lutar, isto é, sem confronto direto.

Essa nova realidade ocorre em meio a um ambiente de retorno da política de potência das grandes nações, na qual, em maior ou menor medida, o *cinismo idealista*, que mascara conspirações geopolíticas, vai dando lugar a um *realismo estratégico* explícito. É certo que objetivos geopolíticos travestidos de *valores* continuarão a ser utilizados convenientemente por grandes potências²², mas cada vez mais interesses nacionais se explicitam numa era de disputa pela supremacia mundial.

Nesse contexto, a quebra da *coesão nacional* do inimigo tornou-se elemento chave na luta pelo poder mundial. Seja pela exploração de contradições étnico-religiosas reais – caso das minorias muçulmanas na Rússia e na China – ou construídas por narrativas plantadas desde fora – caso da desconstrução da identidade nacional dos brasileiros²³. A realização de operações psicológicas voltadas a demografias-alvo, precedidas de estudos sociológicos e antropológicos de cultura estratégica potencializa a eficiência destas operações de guerra.

A China, por meio do conselheiro de Estado e ministro da Segurança Pública, Zhao Kezhi, advertiu, no início de janeiro, que o país terá que impedir neste ano a ocorrência de uma “revolução colorida”, chamando as forças de segurança a “reagir contra todos os tipos de infiltração e atividades subversivas de forças estrangeiras hostis”²⁴. Não por acaso – certamente não se trata somente de questão de censura, como faz crer o Ocidente –, o país limita o uso de plataformas internacionais de redes sociais, como Google e Facebook e estimula o uso de redes sociais nacionais.

A advertência não vem apenas do Oriente. Recente relatório do Parlamento britânico – como dissemos, país integrante do primeiro núcleo de segurança anglo-saxão, os *five eyes* – chama os controladores do Facebook de *gangsters digitais*, tamanha a manipulação de dados que a investigação apurou²⁵.

²¹ Ver, nesta edição, texto do professor Darc Costa a respeito.

²² Enquanto redigíamos este texto, ao mesmo tempo em que o presidente Trump realizava pesada campanha de “*regime change*” sob a forma de ação humanitária para derrubar o “ditador Maduro” na Venezuela, encontrava-se em reunião de cúpula no Vietnã, após elogios incontidos via twitter, com o líder da Coreia do Norte, Kim Jong-un, cujo regime, segundo os padrões liberais-ocidentais não é exatamente uma democracia.

²³ Ver “Questão nacional, identidade brasileira e coesão nacional como problema estratégico” (capítulo IV), em CARMONA, Ronaldo. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, 2017.

²⁴ “Exigências dos EUA ameaçam as bases do poder na China”. Valor, 18/02/19.

CONCLUSÕES

O objetivo deste texto foi situar a inter-relação entre o cenário geopolítico global, a mudança no quadro de forças das grandes potências, as transformações na base produtiva a partir da Quarta Revolução Industrial e suas primeiras e mais nítidas repercussões sobre o fenômeno da guerra. Relaciona-se, como dito, a agenda de pesquisa em andamento, cujo objetivo não é “desinteressado”: relaciona-se, como é próprio da área de conhecimento a qual se filia – a geopolítica – a tecer observações relacionadas ao aperfeiçoamento da estratégia nacional diante de fenômenos novos.

Há trinta anos, em 1989, William Lind, um analista norte-americano utilizou pela primeira vez o termo *Guerra de Quarta Geração*. O texto chama atenção para a importância de localizar o *centro de gravidade* do inimigo e colapsar o inimigo internamente ao invés de destruí-lo fisicamente²⁶. A questão, objeto desta agenda de pesquisa que aqui esboçamos, é localizar se as inovações a que nos referimos neste texto já permitem formular a hipótese de uma evolução nas fases da guerra ou se estamos em meio ao desenvolvimento que previu Lind há três décadas.

O Brasil no âmbito de sua revisão quadrienal da Política e da Estratégia Nacional de Defesa e, mais amplamente, no plano de sua *Grande Estratégia*, precisa identificar e retomar seu projeto de grande potência do Hemisfério Sul, seu *Destino Manifesto* tendo em vista nossos atributos de poder – dentre eles, território, população e riqueza potencial.

O primeiro problema a enfrentar, derivado da discussão que ora apresentamos, é posicionar-se no novo ciclo de inovações tecnológicas e de transformações da economia mundial. Está na ordem da definição de uma estratégia de política industrial – ou de reindustrialização – assentada na inovação e no desenvolvimento de motores “portadores de futuro”. A Amazônia, por exemplo, grande fonte de riqueza potencial do Brasil, poderá possibilitar a liderança brasileira em biotecnologia, se realizada a partir do planejamento nacional e da deflagração de *programas mobilizadores*.

Na outra ponta, tendo em vista as reflexões apresentadas neste texto, está o desafio de retomarmos a coesão nacional dos brasileiros em torno dos Objetivos Nacionais Permanentes (ONP) da Nação, superando fraturas ideológicas que nos dividem, muitas vezes impostas por forças exógenas. A narrativa da identidade nacional urge ser reafirmada e desenvolvida, em contraposição a interpretações exógenas ou endógenas revisionistas. Ao mesmo tempo, o país precisa urgentemente resguardar sua segurança orgânica, reestruturando capacidade de inteligência que salvaguarde a soberania nacional, sobretudo diante de certas “organizações não-governamentais”, biombos de interesses estrangeiros.

²⁵ MPs call for tough new powers to curb Facebook’s ‘digital gangsters’. The Guardian, 18/02/19.

²⁶ “The Changing Face of War: Into the Fourth Generation” in http://www.dnipogo.org/fcs/4th_gen_war_gazette.htm (consultado em 23/02/2019).

Por fim, cabe ao Brasil tomar providências urgentes relacionadas a diminuir graves vulnerabilidades associadas às tecnologias emergentes: atuar fortemente na definição sobre a governança da Internet; estimular a constituição de redes sociais nacionais; relançar o programa espacial brasileiro de modo a possuir redes de satélites que permitam maior autonomia de monitoramento e controle e para conformar sistemas análogos ao GPS americano e outros; bem como desenvolver o Comando Cibernético Conjunto de modo a possuir robusta capacidade defensiva e ofensiva nesta nova dimensão da guerra contemporânea.

Março de 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRZEZINSKI, Zbigniew. EUA x URSS, o grande desafio. Editora Nórdica, 1987.

CARMONA, Ronaldo. Poder Nacional e Grande Estratégia: uma análise geopolítica dos conceitos fundamentais do projeto brasileiro de potência. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, 2017.

FIORI, José Luís (organizador). Sobre a guerra. Editora Vozes, 2018.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos & SOUSA LEÃO, Karl Schurster (organizadores). Por que a guerra?. Civilização Brasileira, 2018.

A sua opinião sobre o tema é importante.

Envie seu comentário para cee18@esg.br